

ENSAIO: UM GÊNERO EM BUSCA DE SUA CARACTERIZAÇÃO

Kelen Cristina Manzan RODRIGUES⁵³

Resumo: Os estudos sobre tipologias textuais têm se desenvolvido consideravelmente. No entanto, algumas questões ainda parecem imprecisamente definidas. Entre elas, a questão do gênero ensaio, no que tange à uma ação/estudo realmente caracterizador desse gênero. Os estudiosos da questão tipológica caracterizam o ensaio como um gênero necessariamente dissertativo, mas pouco parece ter sido falado além disso. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é refletir sobre a caracterização do gênero ensaio, composto pelos tipos dissertativos em fusão com o argumentativo, pelo viés da proposta de uma teoria tipológica. Para ilustrar essa problemática discutiremos aspectos de ensaios artísticos e/ou literários, acadêmicos e filosóficos.

Palavras-chave: Tipologia Textual. Gênero. Ensaio.

Abstract: *The typological studies have achieved a considerable degree of development, however, some issues remain inaccurately defined, such as the essay genre. It is true that scholars of typological issue feature the essay as a genre necessarily dissertative, but little seems to have been spoken beyond this. In this sense, the aim of this paper is to discuss the characterization of the essay genre, in the terms proposed by a typological theory. To illustrate this issue, we will discuss aspects of artistic and / or literary, academic and philosophical essays.*

Keywords: *Textual Typology. Genre. Essay.*

⁵³ Kelen Cristina Manzan Rodrigues, Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com estágio de doutoramento na Université de Sorbonne - Paris IV, sob a supervisão de Dominique Maingueneau, com o apoio da CAPES (processo BEX 8953/11-2): kelenmanzan@yahoo.com.br

Introdução

Encontramos referências ao estudo dos ensaios como um gênero literário e, por conseguinte, oriundo de uma posição que coloca os gêneros literários em oposição aos gêneros, digamos, ordinários. Assumirei com Bakhtin (2003) que existem os gêneros discursivos e que os gêneros literários, embora possam apresentar algum tipo de particularidade, são enquadrados como um gênero discursivo. Os estudos que privilegiam os gêneros literários pautam-se por uma outra visada, sua intenção não é categorizar, estabelecer e agrupar elementos por via de propriedades comuns, sistematizando o conhecimento. Nesse sentido, gostaria de dar início, dentro de uma teoria tipológica, da caracterização do gênero ensaio.

Para tal intuito, guiar-me-ei por uma espécie de roteiro apresentado por Bazerman (2005) como questões metodológicas. O autor em questão focaliza não somente nos gêneros, mas também os conjuntos de gêneros, os sistemas de gêneros e os sistemas de atividades, isto porque Bazerman sempre definirá o gênero em relação à ação situada. Dessa forma, cabe a pergunta: um gênero se realiza de maneiras diferentes em esferas de atividade diferentes? Por isso a decisão de olhar os ensaios feitos nas esferas artística (literários), acadêmico-científica e filosófica.

O *corpus* é composto de 09 ensaios no total, divididos em três grupos de três, que contemplarão três (3) ensaios artísticos e/ou literários, três (3) ensaios filosóficos e três (3) ensaios acadêmicos. A opção por essa abrangência de ensaios de diferentes esferas de atividade buscará responder se os ensaios literários, filosóficos e acadêmicos viriam a constituir espécies do gênero ensaio ou se seriam apenas uma variação temática. Destaco que dentre os ensaios selecionados, não há textos de um mesmo autor, justamente para evitar que possíveis traços de estilo na construção do ensaio sejam considerados característicos do gênero ensaio.

A caracterização do gênero ensaio: primeiros passos

De acordo com Lima (1964, p. 9), cabe a Miguel de Montaigne “não só a palavra ensaio senão que também um gênero estético novo: o ensaio”. Em seu livro *Ensaio sobre a essência do ensaio* (1964), Lima discorre sobre a gênese desse gênero por meio da

(re)construção da obra de Montaigne, num procedimento pautado do particular para o universal. Ainda de acordo com o autor, as características básicas presentes nos *Ensaio*s de Montaigne, e nos ensaios de modo geral, são: i) o auto-exercício da razão, das faculdades; ii) a autonomia mental; iii) o esforço constante pelo pensar original; iv) a vivência experiencial da universalidade; v) o juízo crítico.

Outros dois pesquisadores, Soares (2007) e Ferreira (2005), também forneceram alguns indícios categorizantes do gênero ensaio, ao contrapô-lo com outro gênero, a crônica. Tanto Soares (2007) quanto Ferreira (2005) apontam estes dois gêneros como casos especiais. “Tal qual a crônica, o ensaio se coloca como forma fronteira, sendo improdutivo, do ponto de vista teórico-crítico, querer marcar seus limites” (SOARES, 2007, p. 65).

As características mais relevantes que devem estar presentes em um ensaio, podem ser sistematizadas no quadro a seguir:

Quadro 1 - O ensaio e suas características

CARACTERÍSTICAS DO ENSAIO	PROPRIEDADE
Teor interrogativo	Questionar, refletir sobre objetos, ideias e conceitos.
Conflito não sedimentado	Presença constante da tensão sem desfecho definitivo.
Descontinuidade	Não sucumbe à ideia de completude e continuidade.
Certa universalidade	Não trata de fatos e, sim, de ideias e conceitos.
Auto-exercício da razão	Reflexões pautadas na própria experiência e conhecimento do ensaísta.
Caráter crítico	Auto-exercício crítico sobre um tema, não comprometendo seu caráter aberto e inacabado.
Pensamento original	Autonomia mental para produzir um pensamento original decorrente de seu caráter interrogativo
Relação específica com o leitor	Não fornece respostas prontas ao leitor, sua conclusão é sempre inacabada.
Incompletude e relativização	Sem conclusões objetivas.
Escolhas pessoais	Forte presença das escolhas do ensaísta, acentuando o caráter subjetivo.
Reflexão lenta e ponderada	Livre indagação.
Rigor conceitual e precisão teórica	Conhecimento teórico, conceitual e prático inerentes no seu teor interrogativo.

Fonte: A autora.

Como caracterizar uma categoria de texto

Travaglia (2007, 2007a, 2007b e 2009) apresenta uma teoria tipológica interessante para caracterizar o ensaio, a começar por sua percepção do gênero como uma categoria de texto. Para identificar uma categoria de texto (tipo/subtipo, gênero e espécie) o autor propõe cinco critérios: a) o conteúdo temático; b) a estrutura composicional; c) os objetivos e funções sociocomunicativas; d) as características da superfície linguística, geralmente em correlação com outros parâmetros; e) as condições de produção. A caracterização não necessariamente precisa obedecer rigidamente a esses cinco parâmetros, mas pode ocorrer da combinação diversa entre eles e, até mesmo, da combinação de apenas alguns deles.

Dentre as naturezas das categorias de texto apontadas por Travaglia – tipo/subtipo, gênero e espécie –, o autor esclarece que *tipo* pode ser definido por instaurar um modo de interação, e que esse modo de interação pode resultar em tipologias diferentes todas derivadas de uma perspectiva adotada pelo produtor do texto. Travaglia (2007a) propõe sete tipologias principais: a) texto descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo; b) texto argumentativo “*stricto sensu*” e argumentativo não “*stricto sensu*”; c) texto preditivo e não preditivo; d) texto do mundo comentado e do mundo narrado; e) texto lírico, épico/narrativo e dramático; f) texto humorístico e não humorístico; g) texto literário e não literário, acrescentando em suas exposições a tipologia h) factual e ficcional.

Já a espécie, de acordo com Travaglia, “se define e se caracteriza “apenas” por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo” (2007a, p. 41).

Travaglia problematiza sobre o modo como pode ocorrer a relação entre as categorias de texto, afirmando que os tipos/subtipos e espécies compõem o gênero, e que estes podem se ligar a tipos que os compõem necessariamente ou não. Quando os tipos compõem os gêneros podem ocorrer três movimentos, os tipos podem i) *cruzar ou fundir-se* – nesse caso o gênero apresenta características de dois ou mais tipos simultaneamente no mesmo espaço textual; ii) *se conjugar* – os tipos estão juntos mas não se misturam e a dominância de um sobre o(s) outro(s) pode ou não ocorrer; iii) *se intercambiar* – ocorre uma quebra de expectativa em relação ao tipo ou gênero esperado em uma situação de interação. “O produtor do texto lança mão de uma categoria que não é a própria daquele tipo de interação naquela esfera de ação social, para produzir efeitos de sentido” (TRAVAGLIA, 2007, p. 42).

É possível afirmar que o tipo predominante do ensaio é de base dissertativa em fusão com o argumentativo *stricto sensu*, apresentando trechos descritivos, já que o enunciador está na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo e do espaço; em busca da reflexão, da explicação, do conceituar; instaura-se o interlocutor como ser pensante.

Nos tópicos seguintes apresentarei apenas trechos das análises efetuadas – em razão do espaço disponível – para que o leitor acompanhe como foi feito o levantamento das características do gênero. Todavia, apresentarei os resultados completos das análises que foram compilados em quadros e tabelas.

O conteúdo temático e as características do ensaio

O conteúdo temático refere-se ao tipo de informação que se espera encontrar. No que tange ao ensaio, essa informação parece relacionar-se sempre com uma reflexão que oscila entre valores positivos e negativos, entre dois (ou mais) lugares ou, ainda, entre dois (ou mais) pontos não necessariamente opostos, mas que possibilitam uma contraparte.

No exemplar retirado da revista *Bravo*, de autoria de AUGUSTO, 2004 (*Minha tela tem estrelas*, Sérgio Augusto), o ensaísta reflete, com base em suas preferências e experiências pessoais, sobre o valor e o poder do documentário e do cinema. Neste texto a oscilação ocorre inicialmente entre os objetos cinema e documentário para, em seguida, culminar na reflexão entre a realidade, com seus meros mortais, e a fantasia, com seus mitos e estrelas.

[...] pois embora reconheça sua importância e aprecie ver os que merecem ser vistos, os documentários têm, na minha dieta cinematográfica, o mesmo valor que, na alimentar, dou às saladas e legumes cozidos. Sei que fazem bem à saúde – do cinema e da gente – mas é quase por obrigação que deles me sirvo. [...] Estamos falando de preferências, não de méritos mensuráveis. (p. 15)⁵⁴

Em relação às características do ensaio apresentadas no quadro 1, destaco a reflexão lenta e ponderada que pode ser percebida quando o autor traça um panorama histórico do cinema, desde seus primórdios com os irmãos Lumière, até alcançar as grandes produções hollywoodianas, sempre refletindo sobre os caminhos tomados, as consequências dessas

escolhas e as possíveis consequências se fossem outras as escolhas. É nesse momento que o ensaísta estabelece a relação específica com o leitor, convidando-o para refletir e não se propondo a fornecer uma resposta objetiva.

É possível encontrar o conflito não sedimentado em trechos como “o que faz uma estrela? Que atributos especiais lhe asseguram uma aura mítica? Que virtudes a tornam emblema e um ideal de perfeição? Tudo isso continua sendo um enigma.” (p. 17).

Em outro ensaio veiculado na mesma revista, ano 7 nº 81, AZEVEDO, 2004 (*Texto cavalo-de-troia*, Reginaldo Azevedo) faz contraponto entre os livros e o cinema, mais especificamente, dos livros que tem suas histórias moldadas para o cinema. Azevedo assume sua preferência por livros, e inicia seu ensaio descrevendo suas impressões após ver o filme *Troia*. O conflito não sedimentado pode ser percebido pela posição do ensaísta “estou aqui dando munição ao inimigo: dirão que dormi nos filmes de Scott – infelizmente, não. E não vai nisso nenhum esnobismo bobo. Palavras escritas no papel é que me tiram o sono” (p. 20).

No trecho “As situações que mais me encantaram e ainda que encantam nos bons livros seriam intraduzíveis no cinema ou em qualquer outra forma de expressão artística, porque feitas dos conceitos a que as palavras remetem” (p. 20) é possível assumir que se trata do auto-exercício da razão do ensaísta.

O uso dos verbos no imperativo “acreditem”, “reparem” parece estabelecer uma relação específica com o leitor, uma relação de cumplicidade, no sentido de não se colocar como objetivo convencê-lo, partindo de um acordo de consentimento. Além disso, o ensaísta não fornece respostas definitivas ao leitor.

A incompletude e a relativização pode ser percebida no trecho “elas (as massas) não ficarão mais estúpidas depois de Troia. Até correm o risco de melhorar” (p. 22). Essa característica acentua-se por ser o desfecho do texto.

É importante ressaltar que, assim como nos demais exemplares, as características levantadas e apontadas não se dão isoladamente. São recortes que me parecem mais significativos dessas mesmas características. É o que ocorre, por exemplo, com a reflexão lenta e ponderada, que ocorre na maior parte do texto, sempre aliada a outras características.

⁵⁴ Neste item, nas citações de trechos dos ensaios em análise, optei por colocar apenas a página para evitar que o texto fique sobrecarregado com a indicação extremamente repetida da referência conforme pede a ABNT.

GIRON, 2003 (*Cultura às moscas*, Luís Antônio Giron, Revista *Bravo*, ano 6, nº. 71) trata da questão da cultura, mais especificamente, do fomento à produção intelectual e artística. O autor parte de um fato atual da cena cultural nacional, relacionando-o às questões políticas. A reflexão ocorre sobre a produção cultural oriunda do financiamento oficial e a oriunda de maneira independente dos circuitos oficiais.

O autor inicia a reflexão discutindo o fim da concessão de bolsas da *Fundação Vitae* que, de acordo com o autor,

ao longo dos últimos 16 anos patrocinaram centenas de projetos artísticos e pesquisas independentes de governo ou universidade. *É um dado triste*, pois a Vitae, entidade de direito privativo sem fins lucrativos, *consistia no último bastião de credibilidade e autonomia fora dos circuitos oficiais ou bancários* (eu mesmo recebi uma bolsa da instituição e constatei a total isenção com que julgaram o projeto que apresentei). (p. 15) (grifos nossos)

É possível identificar afirmações de caráter pessoal, decorrentes da experiência do ensaísta, e destacadas, as quais são possíveis de relacionar com as seguintes características identificadas no ensaio v) auto exercício da razão; vi) caráter crítico; x) o ensaio traz para o primeiro plano escolhas pessoais;

O texto em questão faz uso de fatos da cena nacional, em especial, sobre o então ministro da Cultura Gilberto Gil e sua gestão, aliando também análises de entidades culturais como a Biblioteca Nacional, a Funarte, a Câmara Brasileira do Livro e a Academia Brasileira de Letras. A inserção de estruturas narrativas pode ser um indício de que o ensaio apresenta a tipologia narrativa, o que me permitiria dizer que o ensaio mesmo sendo a fusão do tipo dissertativo com a argumentação a seu favor, apresenta a inserção de estruturas narrativas.

Acima, apresentei três breves análises de exemplares de ensaios literários e/ou artísticos. O passo seguinte será mostrar as características levantadas e sumarizadas no quadro 1 nos ensaios que classificados como acadêmicos.

No primeiro exemplar, SOUZA, 2007 (*Madame Bovary somos nós*, Eneida Maria de Souza, presente no livro *Crítica Cult – reunião dos ensaios de Crítica Cult*, publicado no ano de 2007), a autora reflete sobre o *bovarismo*, um fenômeno que implica um contraponto por si só, justamente por tratar do “entrecruzamento de momentos textuais com os vividos [...]” e, assim discutir “o lugar que a literatura ocuparia na construção da rede imaginária que une situações pessoais vividas com outras criadas pela ficção” (p. 115). A partir dessa reflexão

inicial a autora discorre sobre a questão da intertextualidade e da literatura, fazendo uso de citações e apresentando uma relação mais comedida com o leitor.

O teor interrogativo se apresenta já nas primeiras linhas “durante muito tempo esse episódio [...] tem acompanhado a minha reflexão sobre o lugar que a literatura ocuparia na construção da rede imaginária [...]” (p. 115).

A relação específica com o leitor ocorre através dos próprios questionamentos e reflexões da ensaísta que acabam por construir uma interlocução velada.

Certa universalidade pode ser percebida “A literatura sempre se nutriu do conceito de intertextualidade, apesar de sua sistematização ter se efetuado no século 20 [...]” (p. 116).

No ensaio acadêmico escrito por Janine Resende Rocha (2010), intitulado *Metaficção nos romances de Machado de Assis*, a reflexão pauta-se novamente na discussão literatura e vida. Uma certa universalidade, tão característica do ensaio, pode ser notada no trecho “a escrita meta ficcional ensina o leitor a como se portar diante do texto literário e também socialmente, uma vez que salienta os bastidores da ficção e das rodas sociais.” (p. 46).

O auto-exercício da razão, tão aliado do caráter crítico, e que sempre perpassa o ensaio como um todo pode ser verificado mais nitidamente quando o autor assume

Apesar de serem diversos tanto os resultados de natureza conceitual advindos de uma reflexão metaficcional quanto as formas literárias pelas quais essa reflexão vem à tona, a definição que subscrevemos anteriormente é ampla o bastante para não se submeter a (*sic*) restrições. (p. 45)

O pensamento original pode ser detectado na afirmação “Em paralelo, notamos que ela contribui, de maneira vigorosa e arguta, para o questionamento da repercussão da literatura no século XIX brasileiro [...]”. (p. 45).

O rigor conceitual e a precisão teórica podem ser notados pelas inúmeras citações que ocorrem no decorrer do texto “A vontade de iluminar essa negativa poderia justificar, inclusive, a frequência ostensiva com que Machado ladrilha os romances com a expressão ‘a verdade é que’” (p. 50).

O próximo ensaio de SILVA, 2009 (*A vida como vir-a-aceitar: considerações austrianas sobre a modernidade* de Fábio Luiz Lopes da Silva publicado em 2009 na revista D.E.L.T.A), trata da reflexão sobre a vida (o modo de levá-la) articulando-a com a modernidade.

O teor interrogativo estará sempre presente pelo próprio conteúdo temático discutido anteriormente, mas pode ser percebido em trechos como “trata-se da problematização do termo *aceito...*” (p. 234), ou ainda em “Proponho-me, [...], a me perguntar sobre a possibilidade ineliminável do fracasso” (p. 237).

Certa universalidade, um traço bem característico do ensaio, aparece em afirmações como “A traição ronda: não há legitimidade pura.” (p. 237) e “Aceitar o que é impossível de ser aceito: eis, talvez, uma boa definição do que seja a vida.” (p. 239).

Esse trecho é emblemático porque consegue agregar em si não só certa universalidade, como também, um conflito não sedimentado, a descontinuidade, o caráter crítico, a incompletude e a relativização, o auto-exercício da razão, reforçando a premissa de que demonstrar as características primordiais dos ensaios, configura-se uma separação para fins de caracterização e facilitação e, ao mesmo tempo, uma demonstração em termos didáticos.

Nos ensaios acadêmicos o caráter crítico, a reflexão lenta e ponderada e o rigor conceitual e precisão teórica permeiam todo o texto de maneira mais enfática do que nos ensaios artísticos e/ou literários. Assim como as escolhas pessoais aparecem de maneira mais camuflada.

A seguir, discutirei como essas características funcionam nos ensaios filosóficos.

MACGUIRK (1993) (*Problematizando o pós estruturalismo e o pós modernismo* de Bernard Macguirk, veiculado na Revista de Estudos Literários da UFMG) discute a recepção de textos clássicos que, segundo o autor, muitas vezes culmina em uma recepção simplória, ou seja, oscila entre uma recepção *avant-garde* e uma recepção conservadora.

O teor interrogativo manifesta-se insistentemente durante todo o decorrer do ensaio, misturando-se às outras características. É possível percebê-lo mais claramente nos trechos “A verdadeira questão é o que ocorre com essa obra quando uma instituição se apropria dela; qual o destino de um pensamento subversivo?” (p. 99) e, “Será necessária tanta agitação por tão pouco?” (p. 99).

O pensamento original é percebível em momentos como “Seu triunfo nesse aspecto é quase avassalador e precisa de ser contextualizado.” (p. 99), revelando, através de um intensificador como avassalador, a autonomia mental característica do ensaísta, e que também é encontrada em “A descontração de um texto muitas vezes equivale a uma cansativa repetição do dito de Valery de que não há verdadeiro sentido num texto.” (p. 99).

As escolhas pessoais nos ensaios filosóficos recaem mais sobre o direcionamento que o ensaísta pretende dar ao tema, sendo, portanto, mais sutil sua aparição, como no trecho “não se trata de saber se a obra de Derrida, que constitui uma das mais decisivas contribuições para o pensamento contemporâneo, tem importância e valor.” (p. 99).

A reflexão lenta e ponderada é presença obrigatória no ensaio, e manifesta-se com maior intensidade nos ensaios acadêmicos e filosóficos. Da mesma forma, o rigor conceitual e a precisão teórica se fazem constitutivos da reflexão, e podem ser medidos pela quantidade de citações e remissões a autores e a outros campos do saber.

No segundo exemplar de ensaio filosófico, BRANDÃO (2006) (*Arquitetura e filosofia, Eupalinos contra Sócrates* de Carlos Antônio Leite Brandão, veiculado no Suplemento Literário do Minas Gerais) o autor faz um contraponto entre a forma e o conteúdo, sobre a inseparabilidade entre ideação e edificação, culminando na indissociabilidade entre alma e ação.

O teor interrogativo permeia o ensaio através das relações construídas para demonstrar a inseparabilidade entre ideação e edificação.

O conflito não sedimentado está presente em trechos como “Eupalinos divide os edifícios entre aqueles que são mudos, aqueles que falam e aqueles que cantam, e assim distingue a sua arte das meras construções.” (p. 5), e também “Os objetos criados pelo homem devem-se a atos de pensamento e a atos constitutivos que impõem às matérias seus princípios e seu projeto, ou seja, seu espírito, o qual não se encontra nas coisas.” (p. 6).

A característica de certa universalidade aparece em vários trechos, tais como “Uma sociedade se conhece e se reconhece mediante o que ela realiza como obra e se coloca como produto de si.” (p. 5); “Estes três tipos de edifício são metáforas de tudo aquilo que fazemos [...]” (p. 6);

O auto-exercício da razão encontra-se em “Não é contra a filosofia, *tout court*, que o arquiteto se dirige, mas contra um modo de filosofar.” (p. 4).

A relação específica com o leitor, sempre inacabada, ocorre em

Neles habita a beleza mais própria da arquitetura, pois vemos aí não apenas o edifício que se impõe contra a natureza, mas o edifício que se impõe contra o próprio homem, tal como ele é, para conduzi-lo a ser tal como deveria ser. Essa beleza da arquitetura, portanto, é de alguma forma tirânica. (p. 6).

A incompletude, a relativização aparecem nos dizeres, com ares de máxima, como “Sem o corpo, a fantasia é impotente.” (p. 5); ou “Mas esta pergunta sobre o que somos, uma das que fundam a pergunta filosófica, se faz sempre acompanhar de outra: a daquilo que foi, colocada junto à pergunta pelo que irá ser e pelo que sou.” (p. 6).

Parece-me que a melhor maneira encontrada pelo ensaísta filosófico para demonstrar o rigor conceitual e a precisão teórica é fazer uso de citações diretas e indiretas, recorrer a outros campos do saber que atestem sua precisão científica.

No ensaio de FILHO, (2010) (intitulado *Sociedade e liberdade: um ensaio acerca de uma problemática relação iluminada pela filosofia de Thomas Hobbes*, de autoria de Artur Rodrigo Lopes Filho, veiculado na revista Seara Filosófica), há uma discussão sobre a existência e o conceito de liberdade em relação às coerções que são impostas pela vida em sociedade.

A própria oscilação do ensaio guia o teor interrogativo, como é perceptível no excerto a seguir

Quando falamos sobre uma possível vida em um meio no qual impere a liberdade, muitas vezes nos referimos a um retorno do ser humano ao seu estado de natureza, algo que nos remonta uma construção quase que puramente utópica, onde todos podem fazer aquilo que corresponda diretamente a sua vontade, relevando todo e qualquer possível empecilho referente às suas ações/decisões. (p. 7).

O conflito não sedimentado pode ser percebido em pequenas introduções como “Para aquele que compactua com a ideia [...]” (p. 10).

Certa universalidade é encontrada na frase “[...] o indivíduo clama por um ideal que o liberte [...]” (p. 11).

Em um trecho como “A liberdade na contemporaneidade passa a ser entendida como reflexo de um desejo desviado frente ao desconforto e a passividade frente as diretrizes políticas/sociais até então vividas.” (p. 11), é possível perceber o caráter crítico que o ensaísta nunca abandona.

O pensamento original manifesta-se em “Esse processo de melhoramento da humanidade estaria calcado em um vasto desenrolar histórico de constante imposição social em vias de preservação daquilo conquistado pela humanidade [...]” (p. 9).

A incompletude e a relativização aparecem em uma afirmação como “Dentro dessa perspectiva, a liberdade passaria a ser uma ideia da qual não se teria, em momento algum, a

possibilidade de sua experiência” (p. 9) que se revela, por exemplo, no uso do futuro do pretérito.

Alinhando reflexão lenta e ponderada com o rigor e a precisão teórica, tem-se “Dentro desse contexto, poucos autores trataram a liberdade incondicional de forma tão vívida e, possivelmente, factual quanto Thomas Hobbes em suas obras sobre a constituição da política/sociedade e sua relação com o indivíduo.” (p. 12).

Ressalto novamente que os trechos aqui destacados como significativos das características do ensaio não são absolutos, mas parecem significativos para dessas mesmas características. Ao mesmo tempo, as características elencadas são muito próximas e chegam, muitas vezes, a fundir-se como comumente ocorre com as características do “conflito não sedimentado” e a “descontinuidade” que podem, ambas, serem vistas como um conflito suspenso.

Os operadores argumentativos e o gênero ensaio

Assumindo como pressuposto uma argumentação intrínseca à língua, é possível definir, de acordo com Koch (2004), como operadores argumentativos os elementos da língua que indicam a força argumentativa dos enunciados. Dito de outra forma, são elementos da língua que são capazes de dar a direção que queremos tomar ao dizer alguma coisa. Sendo importante ressaltar que ao utilizar um operador é determinante que se considere sua força argumentativa em função do objetivo, da finalidade a que este está a serviço no texto. Nesse sentido, o operador é uma espécie de catalisador da informação relevante da frase. Os operadores argumentativos são marcas linguísticas indispensáveis ao desencadeamento de efeitos de sentido, de ações, de comportamentos, de conclusões.

Dentro da classe de operadores argumentativos, há uma série de elementos que, no âmbito da gramática tradicional, pertencem a várias classes gramaticais: conjunção, preposição, advérbio, pronome; Os operadores argumentativos são classificados por Koch (2004) de acordo com as funções (relações semânticas) que desempenham. No levantamento efetuado nos textos analisados é possível os seguintes resultados, assim agrupados:

Tabela 1 - Ocorrência dos operadores nos ensaios artísticos e/ou literários

OPERADOR	Ensaio 1: Minha tela...	Ensaio 2: Cavalo de Troia...	Ensaio 3: Culturas às moscas	Total de ocorrências
Como	4	15	4	23/146 15,75%
Ou	4	7	4	15/146 10,27%
Mas	9	2	3	14/146 9,58%
Até	2	7	1	10/146 6,84%
Ainda/ já	2	6	2	10/146 6,84%
Também	4	2	1	7/146 4,79%
Tão pouco/ pouco/ um pouco	2	4	0	6/146 4,10%
Só	1	3	2	6/146 4,10%
Por isso	2	3	0	5/146 3,42%
Se	1	3	1	5/146 3,42%
Ao menos	2	2	0	4/146 2,73%
Tão que/ tão como/ tanto que	2	1	1	4/146 2,73%
Porque	1	3	0	4/146 2,73%
Assim	0	1	3	4/146 2,73%
Apenas	2	1	0	3/146 2,05%
Então	0	3	0	3/146 2,05%
Pois	1	1	1	3/146 2,05%
Apesar de	0	0	2	2/146 1,36%
Justamente	0	2	0	2/146 1,36%
Quanto/tão	2	0	0	2/146 1,36%
Aliás	2	0	0	2/146 1,36%
Quase	2	0	0	2/146 1,36%
Portanto	2	0	0	2/146 1,36%
Embora	1	0	0	1/146 0,68%
No entanto	0	1	0	1/146 0,68%
Afinal	0	1	0	1/146 0,68%
Inclusive	1	0	0	1/146 0,68%
Daí	1	0	0	1/146 0,68%
Raramente	0	1	0	1/146 0,68%
Verdadeiramente	1	0	0	1/146 0,68%
Em verdade	0	1	0	1/146 0,68%
TOTAL				146 100%

Fonte: A autora.

Tabela 2 - Ocorrência dos operadores nos ensaios acadêmicos

OPERADOR	Ensaio 1: Metaficção nos romances...	Ensaio 2: A vida como vir a ser...	Ensaio 3: Madame Bovary somos nós	Total de ocorrências	
Como	12	13	11	36/238	15,12%
Mas	5	14	15	34/238	14,28%
Ou	8	11	6	25/238	10,50%
Ainda/ já	4	7	6	17/238	7,14%
Então	3	6	0	9/238	3,78%
Também	5	3	0	8/238	3,36%
Isto é	2	5	1	8/238	3,36%
Se	2	0	5	7/238	2,94%
Até	1	3	2	6/238	2,52%
Ora	0	2	4	6/238	2,52%
Assim	4	2	0	6/238	2,52%
Pois	2	3	0	5/238	2,10%
Porém	1	0	4	5/238	2,10%
Portanto	1	2	0	3/238	1,26%
Além disso, de	1	2	1	4/238	1,68%
Entretanto	1	0	3	4/238	1,68%
Nesse sentido	0	0	3	3/238	1,26%
Exatamente	1	2	0	3/238	1,26%
Apesar de	1	0	2	3/238	1,26%
No entanto	1	0	2	3/238	1,26%
Porque	0	0	3	3/238	1,26%
Só	0	2	1	3/238	1,26%
Embora	0	0	2	2/238	0,84%
Aliás	0	0	2	2/238	0,84%
Quanto/ tão	2	0	0	2/238	0,84%
Enfim	0	2	0	2/238	0,84%
Frequentemente	0	2	0	2/238	0,84%
Necessariamente	0	1	1	2/238	0,84%
Ou seja	1	1	0	2/238	0,84%
Dessa forma	1	0	1	2/238	0,84%
Justamente	0	2	0	2/238	0,84%
Apenas	0	0	2	2/238	0,84%
Tão pouco/ pouco/ um pouco	0	1	0	1/238	0,42%
Ao menos	1	0	0	1/238	0,42%
Afinal	0	1	0	1/238	0,42%
Inclusive	1	0	0	1/238	0,42%
Daí	0	0	1	1/238	0,42%
Por isso	0	1	0	1/238	0,42%
Contudo	1	0	0	1/238	0,42%

Em outras palavras	1	0	0	1/238	0,42%
Unicamente	1	0	0	1/238	0,42%
Por meio de, da	1	0	0	1/238	0,42%
Não obstante	1	0	0	1/238	0,42%
Raramente	1	0	0	1/238	0,42%
TOTAL				238	100%

Fonte: A autora.

Tabela 3 - Ocorrência dos operadores nos ensaios filosóficos

OPERADOR	Ensaio 1: Problematizando pós estruturalismo	Ensaio 2: Arquitetura e filosofia...	Ensaio 3: Sociedade liberdade...	Total de ocorrências	
Mas	19	15	12	46/316	14,55%
Como	14	14	10	38/316	12,02%
Porque	14	6	10	30/316	9,49%
Ou	14	06	3	23/316	7,27%
Pois	10	2	7	19/316	6,01%
Apenas	11	2	6	19/316	6,01%
Quanto/ tão	8	7	3	18/316	5,69%
Também	14	0	2	16/316	5,06%
Portanto	1	2	12	15/316	4,74%
Ainda/ já	4	1	6	11/316	3,48%
Contudo	9	0	0	9/316	2,84%
Então	2	0	7	9/316	2,84%
Até	1	0	7	8/316	2,53%
Embora	8	0	0	8/316	2,53%
Se	2	0	5	7/316	2,21%
Além disso, de	2	1	4	7/316	2,21%
Ora	3	2	1	6/316	1,89%
Assim	4	2	0	6/316	1,89%
Só	0	4	0	4/316	1,26%
Isto é	1	0	2	3/316	0,94%
Entretanto	2	1	0	3/316	0,94%
Inclusive	0	1	1	2/316	0,63%
Justamente	0	2	0	2/316	0,63%
No entanto	1	0	1	1/316	0,31%
Quase	1	0	0	1/316	0,31%
Enfim	0	1	0	1/316	0,31%
Ao invés de	0	0	1	1/316	0,31%
Não obstante	0	0	0	1/316	0,31%
Apesar de	0	1	0	1/316	0,31%
Ao menos	1	0	0	1/316	0,31%
TOTAL				316	100%

Fonte: A autora.

Analisando as tabelas foi possível observar a variação dos operadores entre 1 e 46 ocorrências, considerando o conjunto de 3 (três) exemplares de cada tipo de ensaio. Nos *ensaios artísticos e/ou literários* tem-se um uso total de 146 operadores. Nos *ensaios acadêmicos* esse total é de 238 operadores e, nos *ensaios filosóficos* o número de operadores é de 316. Sistematizando essas ocorrências, diluindo a diferenciação entre os três tipos de ensaio e considerando o uso dos operadores argumentativos no conjunto dos ensaios analisados, é possível apresentar a tabela 4 abaixo que condensa os operadores com maior incidência.

Considerarei como aparições relevantes de operadores, incidências em número igual ou superior a 10 aparições em pelo menos um dos três tipos de ensaio. Essa incidência representa sempre mais de 20% (21,73%) do total das 46 ocorrências encontradas para o operador com maior número de ocorrências, que foi o operador “mas” nos ensaios filosóficos, porcentagem esta que me parece pertinente para efeito de comparação e funcionamento dos operadores nos ensaios, pois assim não se computa operadores com frequência inferior a 1/5 da frequência do operador mais frequente.

Tabela 4 – Operadores com maior incidência

Operadores com maior incidência	Ensaio artísticos/literários	Ensaio acadêmicos	Ensaio filosóficos	Total de ocorrências
COMO	23/477	36/477	38/477	97/477 20,33%
MAS	14/477	34/477	46/477	94/477 19,70%
OU	15/477	25/477	23/477	63/477 13,20%
AINDA/JÁ	10/477	17/477	11/477	38/477 7,96%
PORQUE	4/477	3/477	30/477	37/477 7,75%
TAMBÉM	7/477	8/477	16/477	31/477 6,49%
POIS	3/477	5/477	19/477	27/477 5,66%
APENAS	3/477	2/477	19/477	24/477 5,03%
ATÉ	10/477	6/477	8/477	24/477 5,03%
QUANTO/TÃO	2/477	2/477	18/477	22/477 4,61%
PORTANTO	2/477	3/477	15/477	20/477 4,19%

Fonte: A autora.

Diante da tabela acima e dos grupos de operadores argumentativos, é possível elaborar um quadro que contemple os principais operadores utilizados nos três tipos de ensaios considerados. No quadro a seguir, juntamente com o operador e seu número de ocorrências –

em número absoluto e em porcentagem – apresento a propriedade linguística atribuída a esse operador.

Quadro 2 – Principais operadores do gênero ensaio e suas propriedades linguísticas

Operador argumentativo	Número de ocorrências	Propriedade linguística
COMO	97 20,33%	Estabelece relações de comparação
MAS	94 19,70%	Assinala uma oposição semântica
OU	63 13,20%	Introdução de argumentos alternativos
AINDA/JÁ	38 7,96%	Introduzir conteúdos pressupostos
PORQUE	37 7,75%	Introduzir uma justificativa ou explicação
TAMBÉM	31 6,49%	Somam argumentos a favor de uma mesma conclusão
POIS	27 5,66%	Introduzir uma conclusão relacionada ao argumento apresentado anteriormente
ATÉ	24 5,03%	Estabelece uma hierarquia de elementos
APENAS	24 5,03%	Aponta para negação total
QUANTO/TÃO	22 4,61%	Ideia de comparação
PORTANTO	20 4,19%	Introduz uma conclusão

Fonte: A autora.

Apresentados dessa forma, é possível perceber que os operadores argumentativos reforçam outros aspectos utilizados para a caracterização do ensaio. O conteúdo temático, sempre associado a uma oscilação, marca-se através de operadores como MAS, COMO, QUANTO/TÃO, OU. Por ser um texto composto pelo tipo dissertativo em fusão com o argumentativo, os operadores mostraram-se consonantes com essa tipologia, pois aparecem operadores com valores semânticos que reforçam essa característica.

Observa-se que PORTANTO, PORQUE, POIS favorecem a construção de conclusões, assim como a construção de proposições que podem ocorrer com AINDA/JÁ, TAMBÉM, ATÉ, APENAS, QUANTO/TÃO que acrescentam argumentos a favor de um ou outro pólo entre os quais a argumentação está oscilando.

Analisando as tabelas 1, 2 e 3 separadamente, é possível perceber algumas particularidades e semelhanças em relação aos três tipos de ensaios contemplados. Retomando

a tabela 1 que abrange os ensaios artísticos e/ou literários, contabiliza-se um uso total de 146 operadores argumentativos, sendo os três primeiros, respectivamente, o *COMO* (15,75%), *OU* (10,27%) e o *MAS* (9,58%).

Na tabela 2, que contempla os ensaios acadêmicos, encontra-se um total de uso de operadores de 238. As primeiras posições são dos mesmos operadores dos ensaios artísticos e/ou literários, mas em uma ordem diferente. A primeira posição é mantida pelo operador *COMO* (15,12%), seguido do operador *MAS* (14,28%) e do operador *OU* (10,50%).

Na tabela 3, os ensaios filosóficos totalizam um uso de 316 operadores, havendo alteração da ordem de ocorrência em relação aos dois outros tipos e a inserção de um novo operador, configurando-se as três primeiras posições da seguinte forma: *MAS* (14,55%), *COMO* (12,02%) e *PORQUE* (9,49%).

É possível ver uma predominância dos operadores que privilegiam a oscilação entre os pólos em embate e nos filosóficos uma frequência significativa do operador “porque” que nos parece muito consonante com o conteúdo de exploração filosófica de temas que privilegiam justificativas.

Essa organização dos operadores pode ser um primeiro indício que aponta para um classificação dos três tipos de ensaios como espécies diferentes do mesmo gênero. Todavia, proporcionalmente, os operadores ocorreram de maneira semelhante e os dados encontrados sugerem que eles não se diferenciam nem quanto a forma, nem quanto a conteúdo temático (enquanto tipo de informação) para configurar espécies distintas, em que pese a área de conteúdo a que cada um se dedica (arte, ciência, filosofia).

Breves conclusões e alguns apontamentos

Ao observar as características apresentadas no quadro 1, aliadas ao seu conteúdo temático e às discussões já feitas por outros pesquisadores no intuito de classificar esse gênero, é possível assumir o ensaio como um gênero fluido, que apresenta dificuldades em sua sistematização pelo seu próprio conteúdo temático, marcado por uma oscilação, na qual sua unidade é determinada pela unidade de seu objeto, ou seja, não há uma unidade particular. Ainda em relação ao conteúdo temático, parece-me possível sugerir que além de oscilação entre ideias e/ou lugares, o ensaio parece refletir inquietudes da experiência humana.

Os tipos que compõem o ensaio, o dissertativo em fusão com o argumentativo, permanecem como características inerente ao ensaio, acrescentando-se que embora argumentativo, o ensaio não tem pretensão de finalizar a discussão, deixando questionamentos em aberto, como uma reflexão em processo.

A oscilação do ensaio, apontada como seu conteúdo temático, acaba por criar uma cadência própria, uma espécie de vaivém contínuo que congrega dilemas da experiência humana e, por isso mesmo, mantém um traço de tentativa, de oferecer um novo olhar sobre algo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Org. DIONISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. **A Crônica**: problemáticas em torno de um gênero. 2005. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2005. Disponível em: <http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/133305/a-chronica-problematicas-em-torno-de-um-genero.html> Acesso em 12 de jan. de 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, Sílvio. **Ensaio sobre a essência do ensaio**. Coimbra: A. Amado, 1964.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Revista Alfa**. São Paulo: 2007, N° 51, V. 1. p. 39-79.

_____. Tipologias e a construção de uma teoria tipológica geral de textos In: **Língua Portuguesa pesquisa e ensino** – Vol. II. 1ª ed. São Paulo : EDUC / FAPESP, 2007a, v.II, p. 97-117.

Corpus analisado

Ensaaios artísticos e/ou literários

AUGUSTO, Sérgio. Minha tela tem estrelas. **Revista Bravo!**. São Paulo: 2004, Nº 79, Ano 7, p. 15-18.

AZEVEDO, Reinaldo. Texto cavalo-de-troia. **Revista Bravo!**. São Paulo: 2004, Nº 81, Ano 7, p. 19-22.

GIRON, Luis Antonio. Cultura às moscas. **Revista Bravo!**. São Paulo: 2003, Nº 71, Ano 6, p. 15-17.

Ensaaios acadêmicos

ROCHA, Janine Resende. Metaficção nos romances de Machado de Assis. **Revista Signo**. Santa Cruz do Sul: 2010, V. 35, Nº 58, p. 44-53. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index> Acesso em 07 de ag. de 2011.

SILVA, Fábio Luiz Lopes da. A vida como vir-a-aceitar: considerações Austinianas sobre a modernidade. **DELTA**, São Paulo, V. 25, Nº 2, 2009. p. 233-244 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502009000200001&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 07 out. de 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. Madame Bovary somos nós. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 115-122.

Ensaaios filosóficos

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Arquitetura e filosofia, Eupalinos contra Sócrates. **Suplemento**. Belo Horizonte: 2006, p. 3-8.

FILHO, Artur Rodrigo Itaquí Lopes. Sociedade e liberdade: um ensaio acerca de uma problemática relação iluminada pela filosofia de Thomas Hobbes. **Seara Filosófica**. Pelotas: 2010, Nº 2, p. 7-22. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/isp/searafilosofica/numero-2.html> Acesso em 10 de out. de 2011.

MCGUIRK, Bernard. Problematizando o pós-estruturalismo e o pós-modernismo. **Revista Estudos literários**. Belo Horizonte: 1993, Nº 1, V. 1, p. 98-107. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/poslit> acesso em 5 de set. de 2011.